


Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade

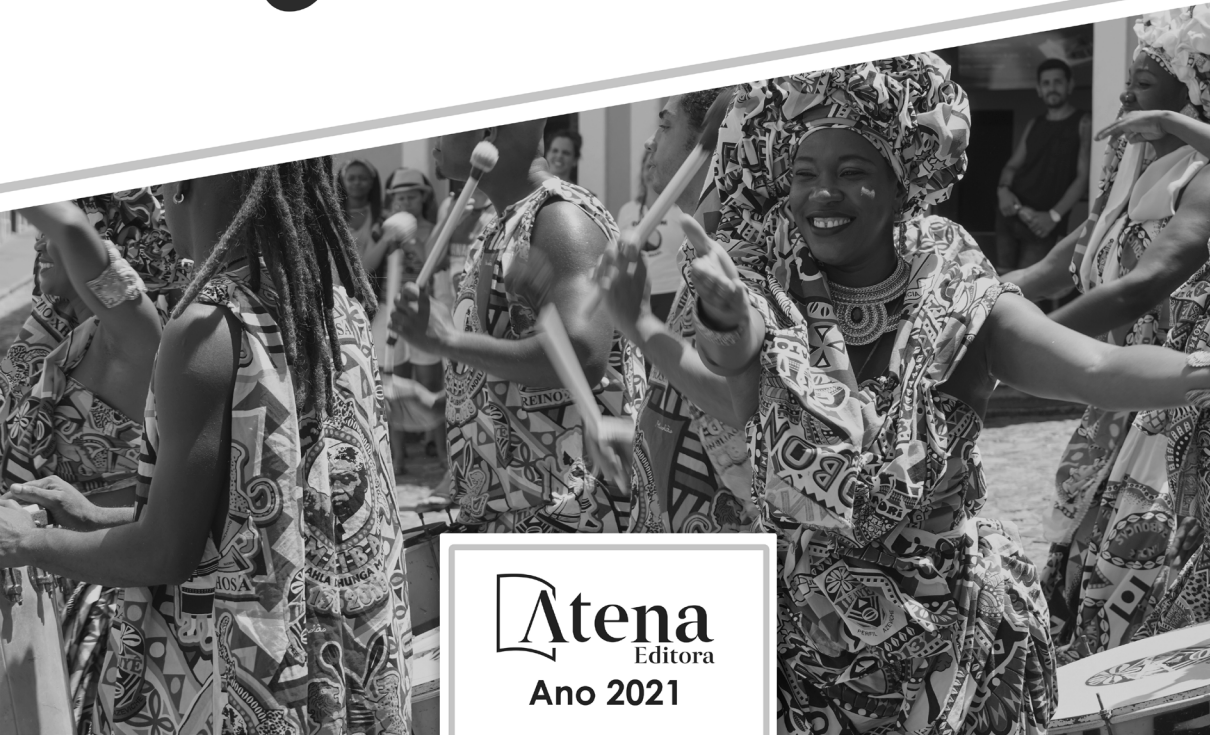


Atena
Editora
Ano 2021



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

DOI 10.22533/at.ed.3402131051

CAPÍTULO 2..... 12

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

DOI 10.22533/at.ed.3402131052

CAPÍTULO 3..... 23

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

DOI 10.22533/at.ed.3402131053

CAPÍTULO 4..... 38

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

DOI 10.22533/at.ed.3402131054

CAPÍTULO 5..... 50

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3402131055

CAPÍTULO 6..... 63

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131056

CAPÍTULO 7..... 79

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131057

CAPÍTULO 8	92
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
CAPÍTULO 9	103
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ Maria Aparecida Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
CAPÍTULO 10	117
O CONSUMO DE REGGAETON ANTES E DEPOIS DE DESPACITO PELOS BRASILEIROS Danilo Espindola Catalano DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
CAPÍTULO 11	129
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19 Rosana Eduardo da Silva Leal DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
CAPÍTULO 12	142
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO Sheila Cristina Endres Palmerston Hamilton Afonso de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
CAPÍTULO 13	155
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE Ana Fabiola Correia da Costa DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
CAPÍTULO 14	168
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO José Paulo Siefert Brahm Márcia Della Flora Cortes Diego Lemos Ribeiro Juliane Conceição Primon Serres João Fernando Igansi Nunes DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
CAPÍTULO 15	182
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX Vinicius Silva DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

CAPÍTULO 16.....	191
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310516	
CAPÍTULO 17.....	206
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRICOGRÁFICA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34021310517	
CAPÍTULO 18.....	216
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310518	
CAPÍTULO 19.....	235
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310519	
CAPÍTULO 20.....	242
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310520	
CAPÍTULO 21.....	250
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310521	

CAPÍTULO 22	258
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
DOI 10.22533/at.ed.34021310522	
CAPÍTULO 23	272
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310523	
CAPÍTULO 24	281
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310524	
CAPÍTULO 25	286
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.34021310525	
CAPÍTULO 26	292
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
DOI 10.22533/at.ed.34021310526	
SOBRE OS ORGANIZADORES	296
ÍNDICE REMISSIVO	297

CAPÍTULO 9

DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ

Data de aceite: 21/05/2021

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

RESUMO: O período posterior à independência em Moçambique, ocorrida em 25 de junho de 1975, não foi marcado por paz e liberdade. Contrariando às expectativas, poderes locais opuseram-se, uma vez que reivindicavam a representatividade política da nação, fato que ocasionou uma guerra civil entre a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), conflito que perdurou por 16 anos, cujo resultado foi um cenário de fome, destruição, êxodo e morte. Ficcionaliza esse período histórico a escritora moçambicana Lília Momplé na coletânea de **Os olhos da cobra verde**. O conto inicial, intitulado *Stress*, permite perscrutar os pensamentos e analisar as ações dos protagonistas, a saber, a amante do major-general e o professor, o qual vive em constante tensão devido ao caos instaurado no país. De forma que personagem e espaço são as categorias narrativas abordadas, a fim de problematizar a noção de “status” e verificar as consequências do “stress” que acomete seres cujas mentes foram violentadas pelo colonizador e neocolonizadas pelos oprimidos que, ascendendo ao poder, tornaram-se opressores.

PALAVRAS - CHAVE: (des) colonização, violência, personagens, espaço.

FROM “STATUS” TO STRESS: AN ANALYSIS OF THE TALE BY LÍLIA MOMPLÉ

ABSTRACT: The period after independence in Mozambique, which occurred on June 25, 1975, was not marked by peace and freedom. Contrary to expectations, local authorities were opposed, since they claimed the nation's political representativeness, a fact that caused a civil war between FRELIMO (Mozambique Liberation Front) and RENAMO (Mozambican National Resistance), a conflict that lasted for 16 years, conflict that lasted for 16 years, which resulted in a scenario of hunger, destruction, exodus and death. The Mozambican writer Lília Momplé fictionalizes this historical period in the collection of *The green snake eyes*. The initial short story, entitled *Stress*, allows you to peer into the thoughts and analyze the actions of the protagonists, namely, the major-general's lover and the teacher, who lives in constant tension due to the chaos in the country. In such a way that character and space are the narrative categories addressed, in order to problematize the notion of "status" and to verify the consequences of "stress" that affects beings whose minds were violated by the colonizer and neocolonized by the oppressed who, ascending to power, became oppressors.

KEYWORDS: (de) colonization, violence, characters, space.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A subalternização imposta aos autóctones pelo colonialismo em Moçambique objetivava não apenas mitigar suas forças, a fim de evitar possíveis rebeliões, mas também controlar suas mentes. Para tanto, os portugueses eram auxiliados por nativos que levavam à violência “[...] a casa e o cérebro dos colonizados.” (FANON, 1968, p. 28). Similarmente aos “intermediários do poder” agiam as elites, entretanto, com o “[...] propósito de modelar e/ou manipular uma realidade que lhes [era] distinta; organizaram-se em *sistemas simbólicos* [...]” (CABAÇO, 2009, p. 21 – grifo nosso); tais métodos de atuação demarcavam, além das fronteiras socioeconômicas, a polarização cultural.

As artimanhas desse poder hegemônico ocasionaram, no período pós-independência, diversos perfis de comportamento; dentre os quais salientamos, sobretudo, dois, a serem observados a partir da narrativa *Stress*, de autoria da moçambicana Lília Momplé. Assim, destacamos a conduta da amante do major-general, a qual almejava ascensão social, bem como a postura do professor, homem íntegro e avesso ao oportunismo, uma vez que rejeitava suborno dos alunos, segundo informa a voz narrativa (MOMPLÉ, 2008, p. 15)

O procedimento das personagens salienta maneiras distintas de lidar com a realidade naquele espaço, onde as questões “econômica” e “indígena” fundamentavam todas as formas de opressão colonial, conforme revela Cabaço (2009, p. 40). Tais considerações evidenciam a pertinência de problematizar práticas de dominação. Todavia, é necessário propor estratégias discursivas de resistência que refutem a lógica colonialista.

Em decorrência do exposto, evocamos Glissant (2005), nomeadamente a sua **Introdução a uma poética da diversidade**; já que os textos ficcionais podem ser concebidos como registros “reconvertidos em história nacional” (CASANOVA, 2002, p. 29). Dessa forma, torna-se nítida a emergência de discussões capazes de incluir nos debates das ciências humanas as vozes marginalizadas de uma História que se pretende única.

A esse respeito cumpre destacar um marco cronológico. Trata-se da Segunda Guerra Mundial, após a qual historiadores adotaram a expressão “*postcolonial state*” em referência aos países recém-independentes, concedendo especial atenção ao testemunho dos autóctones. “No entanto, *Postcolonial* a partir dos anos setenta, é termo usado pela crítica em diversas áreas de estudo, para discutir os efeitos culturais da colonização.” (LEITE, 2012, n.p.)

Portanto, nas vozes dos intelectuais provenientes das ex-colônias, se fez ouvir reivindicações; estava em pauta o direito de falar sobre si, bem como acerca de uma coletividade silenciada. Os referidos discursos, posteriormente convertidos em escritos, tornam pertinente o retórico questionamento “Quando foi o pós-colonial?” (HALL, 2003, n.p.). Tendo em vista a manutenção da opressão por meio de práticas neocoloniais.

Nesse contexto, é imperioso evitar que o prefixo “pós” seja pensado em termos conclusos, ou seja, como se remetesse a uma época posterior ao colonialismo, na

qual, finda a exploração, a humanidade caminha harmoniosamente, pois “[...] o termo pós-colonialismo pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performáticas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial [...]” (LEITE, 2012, p.129-130) ainda vigente.

De sorte que trauma, violência, memória individual e coletiva são evocadas a fim de discutir as consequências da colonização, visto que “[...] somos produtos dessa época, mais do que sucessores dela.” (LEITE, 2012, n.p.). O excerto sugere uma escrita inspirada em experiências vivenciadas e/ou presenciadas, fundamentadas a partir do testemunho, o qual “[...] não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia – ele apresenta outra voz, um ‘canto (ou lamento) paralelo’, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79).

Sob a ótica da literatura de testemunho objetiva-se analisar o conto *Stress*, com especial atenção ao perfil psicológico das personagens, sobretudo, a amante do major-general e o professor; enfatiza-se, também, micro e macroespaços narrativos que sinalizam a interferência do ambiente na construção subjetiva dos protagonistas, uma vez que os fatos narrados ocorrem na cidade de Maputo imediatamente após a descolonização, quando Moçambique foi assolado pelo conflito civil.

Contrapõe-se, dessa forma, a estratégia discursiva do colonizador, baseada na política de assimilação ou degradação da mestiçagem, a do colonizado representada, neste estudo, pela criouliização, conforme proposição de Glissant (2005), o qual afirma ser o termo capaz de dar conta de uma imprevisibilidade cultural, baseada no contato entre as culturas, de forma a propiciar valorização recíproca.

2 | ASSIMILAÇÃO E CRIULIZAÇÃO: CONFLITOS E PERSPECTIVAS

Lília Maria Clara Carrière Momplé é uma escritora nascida em Moçambique, no ano de 1935, quando o país permanecia sob o domínio colonial português. Ao confessar que suas obras foram escritas não apenas pelo prazer, constituindo uma forma libertária de cargas emocionais negativas, a autora evidencia o caráter testemunhal das narrativas:

Escrevi o primeiro livro porque tinha uma carga muito grande sobre o colonialismo em Moçambique. Eu tinha raiva do colonialismo. Muita raiva. Tinha raiva da injustiça. Eu nunca me conformava por tudo que via: massacres, sofrimento, opressão isso incomodava-me. [...] O segundo livro também se baseou em factos reais. Da morte de uma amiga que era muito boa gente. Ela tinha muita vida, se não mesmo ela era a própria vida. Isso foi muito doloroso e marcou-me. Eu tinha que escrever. O terceiro também foi mais uma revelação. (MOMPLÉ, 2012, p. 09)

O fragmento evidencia a ficcionalização de períodos históricos, protagonizados pelos oprimidos. Parte-se de experiências próprias e alheias, conforme confidenciado em entrevista concedida a **Literatas**, Revista de literatura moçambicana e lusófona. As

obras supramencionadas são ambientadas em momentos de extrema tensão no país, a saber, período colonial, abordado na coletânea de **Ninguém matou Suhura**; pós-colonial enfatizado na antologia **Os olhos da cobra verde** e neocolonial, destacado na novela **Neighbours**, livro que evidencia as investidas sul-africanas sobre a nação vizinha na época do *apartheid*.

A política de assimilação interessa ao presente estudo por constituir-se artimanha do colonizador a fim de sobrepor sua cultura em detrimento dos costumes autóctones, bem como por evidenciar a conveniência de renegar a própria etnia visando a aceitabilidade do opressor. No entanto, essa prática, efetivada oficial ou extraoficialmente, não significava acolhimento, especialmente no caso da amante do major-general, personagem que dispunha de *status* apenas perante os compatriotas desvalidos, haja vista a vida luxuosa em meio à extrema pobreza, pois para os estrangeiros e pessoas abastadas esta era uma mulher desprezível que usava o corpo para obter favorecimento.

Apesar do prestígio limitado, a protagonista tinha consciência que aquela relação com o ex-combatente da FRELIMO, agora ocupante de altos cargos no governo, a colocava em posição de superioridade. A voz narrativa não informa acerca de uma assimilação, nos moldes oficiais, mas indica um comportamento que se aproximava do colonizador, além de uma extrema arrogância: “[...] logo que se tornou amante do major-general, passou a queixar-se que não suportava mais aquele lugar tão impróprio, com problemas [...] de má vizinhança, enfim.” (MOMPLÉ, 2008, p. 10)

Partir do contemporâneo, a fim de verificar os efeitos nefastos da colonização, é o caminho sugerido aos pesquisadores da literatura de testemunho, pois:

A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79)

Assim, evocamos primordialmente Édouard Glissant, especificamente, a obra **Introdução a uma poética da diversidade**, na qual o intelectual defende a tese de que “o mundo se crioulaiza” (GLISSANT, 2005, p. 18) e adverte: tal processo ocorre a partir de “[...] choques, harmonias, distorções, recuos, rejeições e atrações entre os elementos da cultura.” (GLISSANT, 2005, p. 24).

Note-se: as considerações do pensador martinicano não ressaltam uniformidade, opostamente, destacam a diversidade. Sendo condição *sine qua non* para a ocorrência da crioulaização que os variados elementos culturais sejam considerados “equivalentes em valor”. Ao escrever o prefácio da obra Enilce Albergaria Rocha reflete sobre um processo de relação, no qual se encontram as culturas, enfatizando: “[...] cabe às artes em geral e à literatura em particular, a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades.” (GLISSANT, 2005, n.p.). Almeja-se assegurar que a identidade e o projeto

coletivo não sejam silenciados.

O silenciamento pode ser perscrutado em *Stress*, narrativa na qual se constata uma situação inversa à proposta de Glissant (2005), uma vez que a sobreposição étnico-racial oprime uma coletividade de negros e mestiços, ao tempo que é imposta uma política de assimilação pelo governo lusitano. Pretende-se a inserção na sociedade em detrimento dos valores da cultura africana local. Entretanto, “O assimilado, ao longo de toda a história colonial, consistia em um negro que se aproximava efetivamente no núcleo do poder – sem se confundir com ele [...]” (TOMAZ, 2005-2006, p. 257)

Observe-se que a assimilação não era sinônimo de aceitação, mas de tolerância. É oportuno salientar que a distinção entre brancos e negros, em Moçambique, não foi motivada, exclusivamente, por questões raciais, mas também culturais. De acordo com Albuquerque, referendado por Tomaz (2005-2006, p. 257), “[...] Os pretos da Zambézia chamam *muzungo* (senhor) aos brancos e geralmente dão a mesma denominação a todos os homens de chapéu, mesmo que sejam pretos.”

De forma que a amante do major-general o considerava um trampolim para ascender socialmente, pois “[...] a categoria de assimilado não foi efetivamente superada no período pós-independência”. (TOMAZ, 2005-2006, p. 257). Embora não possa figurar, oficialmente, como sua companheira, a mulher usufrui de tudo que o dinheiro pode proporcionar:

Para a amante do major-general, a sua sala é o seu reino, repleto de móveis, alcatifas, cortinados e bibelots que ela própria escolheu e que o major general comprou sem regatear os altos preços e a duvidosa serventia. Por isso, ela se sente ali perfeitamente, como ainda há pouco, enquanto almoçava, sentada à enorme mesa de jamberre, servida por um empregado silencioso e eficiente e sentido subir-lhe à cabeça a embriagadora sensação que sempre lhe provoca o facto de constatar que tudo quanto os seus olhos abarcam lhe pertence. (MOMPLÉ, 2008, p. 8)

O “*status*” evidenciado pela voz narrativa contrapõe-se ao “*stress*” que acomete o professor, cujo nome também é elipsado. Vizinho da amante do major-general, esta personagem vive a trágica realidade do pós-guerra independentista:

Desperta com a sensação de que já está atrasado, arranja-se a correr e a correr engole a chávena de chá quase amargo (o açúcar é caro) e o pedaço de pão seco. Fica-lhe sempre uma vontade de tomar café que muito aprecia, sobretudo, de manhã, mas não pode dar-se a esse luxo. [...] Quando cerca de 13 horas, as aulas terminam, o professor corre para casa onde espera o minguado almoço que mal lhe dar forças para preparar as aulas, corrigir exercícios e ainda lecionar no Ensino Nocturno. Finalmente perto da meia-noite regressa a casa, extenuado e amargo e estatela-se na cama como um ébrio, para no dia seguinte despertar com a eterna sensação de que está atrasado [...] (MOMPLÉ, 2008, p. 15)

Além da degradante vivência, agrava a situação da personagem o fato de “[...] acolher todos os parentes que chegam do mato, aos magotes, fugidos da guerra, trazendo

apenas os andrajos que lhes cobrem os corpos estropiados e, nos olhos alucinados, as imagens de horror que os levam a abandonar as suas terras.” (MOMPLÉ, 2008, p. 18). Se aos negros a realidade é de infortúnio, com relação aos mestiços, “[...] longe de representar um grupo dinâmico e sujeitos de ascensão social ocupavam cargos médios e intermediários [...] Contudo, a fronteira social não os separava somente dos brancos, mas também dos pretos que os olhavam com desconfiança.” (TOMAZ, 2005-2006, p. 259).

De sorte que a política de assimilação e o reconhecimento da mestiçagem foram incapazes de harmonizar as relações étnico-raciais em Moçambique, isso porque os assimilados não foram totalmente incorporados à sociedade, enquanto os mistos “[...] representavam quase que um arremedo de uma civilização que se queria branca e europeia, e que impunha travas brutais a sua ascensão social.” (TOMAZ, 2005-2006, p. 262). Essa constatação apoia as opções teóricas e linguísticas de Glissant (2005), ao priorizar o termo crioulização, por considerar o resultado da mestiçagem previsível.

Apesar de o referido intelectual refletir acerca do processo de colonização na América, o teórico não se exime de pensar sobre a diáspora africana, adotando uma “perspectiva supranacional”, para usar as palavras de Enilce Albergaria Rocha, e até supracontinental, pois, como afirma: “[...] somente uma poética da relação [...] nos permitirá compreender [...] as situações dos povos no mundo de hoje nos autorizando a sair do confinamento.” (GLISSANT, 2005, p. 26).

A obra de Lília Momplé é significativa no que toca à ficcionalização de realidades que precisam ser superadas a partir da crioulização, como estratégia discursiva, pois o “*status*” social no conto *Stress*, é indicado, sobretudo, pela supervalorização da cultura portuguesa e degradação da moçambicana, representada por pessoas sofridas e famintas, o que fomenta, conseqüentemente, na amante do major-general desprezo pelos compatriotas e ânsia de inserir-se no grupo detentor do poder. Tal contexto corrobora a necessidade de uma literatura capaz de dar conta da complexidade e heterogeneidade de cada cultura. Assim, urge o despontar de perspectivas críticas e teóricas para que, por meio da reflexão-ação, seja possível uma intervalorização “[...] de dentro para fora e de fora para dentro.” (GLISSANT, 2005, p. 22).

Embora proponha uma estética da relação, segundo observa Enilce Albergaria Rocha, o pensador martinicano enfatiza a “função emancipatória das literaturas dos povos em face da dominação política e econômica” (GLISSANT, 2005, n.p). Para tanto, as produções literárias precisam constituir-se “gritos-textos” em prol da autonomia e diversidade cultural, levando “as mentes no voo da imaginação e [trazendo-as] de volta ao mundo da reflexão”, conforme propõe a escritora Paulina Chiziane.

3 I ENTRE RAÇA E NAÇÃO: OS MESTIÇOS

Considerando as (não) fronteiras entre realidade e ficção, permeamos as veredas de Maputo conduzidos pela voz narrativa do conto *Stress*, propondo diálogos com outras vozes, denominadas testemunhais, visto que observaram *in loco* os conflitos raciais, culturais e socioeconômicos em Moçambique, tanto na época dos acontecimentos quanto posteriormente, fato que oportuniza ponderações acerca de causas e consequências.

No entanto, iniciamos a abordagem a partir de uma exceção; trata-se de Fanon (1968, p. 123), evocado com o intuito de verificar semelhanças e disparidades constatadas quando analisamos o caso moçambicano comparando-o à situação de outra colônia africana. No tocante à luta pela libertação e à constituição da nação evidenciamos uma proposição significativa: “[...] a falta de preparo das elites, a ausência de ligação orgânica entre elas e as massas, sua preguiça e, digamo-lo, a covardia no momento decisivo da luta figuram na origem de desventuras trágicas.”

A tragicidade, despreparo e distanciamento entre as “camadas sociais” permitem inferir um contexto histórico semelhante ao da Argélia, espaço de observação para as constatações expostas na obra **Os Condenados da Terra**. Porém, no que concerne à covardia atribuída às elites nacionais, torna-se oportuna a explanação acerca de um aspecto que ilustra as tensões entre raça e nação em Moçambique. Com esse intuito evocamos Machado da Graça, em resposta à missiva do senhor Nhamite, cujo conteúdo consistia em críticas aos integrantes e simpatizantes da Frente de Libertação de Moçambique.

A réplica remonta a abril de 1992, ano de assinatura do acordo de paz entre a FRELIMO e a RENAMO. Na oportunidade, o jornalista responde às acusações de um “suposto favorecimento” aos indivíduos de “raça branca” no período do conflito civil, o qual sucedera a luta pela descolonização. No tocante à exclusão dos brancos do serviço militar obrigatório, Machado da Graça taxativamente afirma: “[...] Foi segregação racial [...] discriminação, consequência da falta de confiança que os não negros despertariam na maioria negra do país: a suspeita, dolorosa para muitos, de que as minorias seriam potenciais traidores do corpo nacional.” (TOMAZ, 2005-2006, p. 255)

O excerto elucida um vínculo entre nacionalismo e racismo, de forma a determinar os que eram aptos a lutar pela nação; contrapondo-os aos que, supostamente, defenderiam a manutenção do colonialismo. Apesar de mencionar o embate entre brancos e negros, o fragmento é expressivo para pensarmos o caso dos mestiços, visto que estes também foram excluídos do serviço militar por decisão do comitê da FRELIMO (TOMAZ, 2005-2006, p. 255)

Tal proibição constitui, apenas, uma das facetas da segregação imposta aos seres que reuniam, geneticamente, características raciais que personificavam culturas e ideologias díspares, motivo pelo qual eram penalizados constantemente, tendo em vista o fato de não obterem acolhimento e confiança por parte dos brancos, tampouco dos negros.

(TOMAZ, 2005-2006, p. 259)

A conjuntura descrita reporta-nos às considerações de Deleuze e Guattari (1992, p. 222), referendados por Silva (2012, p. 258), ao defender que “[...] se o artista é um criador de mundos, ele será grande na medida em que seja inventor de afetos não conhecidos ou desconhecidos.” O trecho evidencia a capacidade de (re)criação daqueles que traduzem, por meio de sua arte, realidades inusitadas, a exemplo de Lília Momplé, a qual revela a situação dos compatriotas: “mulato não tem bandeira”. ((TOMAZ, 2005-2006, p. 260)

Essa sensação de exílio do “corpo nacional” é impensada se considerarmos a assertiva “[...] Portugal, terra de brancos, Moçambique, terra de pretos, Brasil, terra de mulatos” ((TOMAZ, 2005-2006, p. 260). Embora tensas, as relações raciais em terras brasileiras não culminam na negativa de uma nacionalidade. Fato que corrobora a observação de um afeto que foge à nossa compreensão.

Trata-se de uma reclusão interior, pois o espaço, fisicamente, habitado é o mesmo; entretanto, os corpos dos mestiços são nações distintas guiadas por “subjetividades em sofrimento”, devido a uma dupla, ou até tripla inaceitação, pois visando ascensão social, há mistos que se desprezam mutuamente, “[...] Ostentam hábitos e costumes que os aproximam da elite negra urbana moçambicana e dos brancos, mas não são nem negros nem brancos.” (TOMAZ, 2005-2006, p. 260)

Nesse sentido, o “*stress*” vivenciado alcança o ápice. O título é sintomático, considerando-se que revela um estado de conflito interior decorrente de fatores externos. Contudo, a escolha de uma palavra em língua inglesa indica ironia. De modo a destacar que “stressante” não é a vida dos colonizadores que precisam se prevenir dos “instintos roubadores’ dos moçambicanos”. (MOMPLÉ, 2208, p. 9), mas dos colonizados que usam máscaras brancas sob as peles negras, para usar a expressão de Fanon (1983). A camuflagem torna-se essencial, também, se a “herança biológica” for composta pelos genes dos rivais históricos. Assim:

O tratamento violento dispensado aos indígenas – submetidos a trabalhos forçados e a estrutura de poder local de régulos legitimados pelo administrador colonial – tinha seu correspondente na humilhação cotidiana dispensada aos mistos e assimilados. (TOMAZ, 2005-2006, p. 259)

Além do fator racial, vale destacar a questão do território. Para tanto, retomamos a argumentação de Machado da Graça: “[...] Não apenas os brancos tiveram seus lares preservados ou foram poupados da ameaça física evidente, mas todos aqueles que permaneceram nos centros urbanos.” (TOMAZ, 2005-2006, n.p.), uma vez que a fúria dos guerrilheiros da RENAMO atingiu, sobretudo, áreas rurais.

Se nas relações interpessoais é possível constatar os dilemas de uma terceira pessoa discursiva: o mestiço, no âmbito territorial se observa um ambiente fértil, propício à crioulação: o subúrbio, concebido como espaço intermediário. Entretanto, no contexto histórico da narrativa, os mistos vivenciam, sobretudo, um intenso conflito interior; enquanto

os habitantes dos locais situados entre o rural e o urbano, experienciavam contendas frequentes de ordem exterior, motivadas por fatores culturais, sociais e econômicos.

A partir do exposto torna-se lúcido que o indivíduo “periurbano” era antes de tudo um sobrevivente, pois a equivalência valorativa da cultura, proposta por Glissant (2005), não condizia com a realidade. Desta forma aproximavam-se ora do grupo opressor, ora do oprimido, de acordo com a conveniência. (CABAÇO, 2009, p. 140). A referência à população suburbana de Moçambique almeja evidenciar espaços favoráveis à crioulização, haja vista a diversidade cultural dos habitantes, embora prevalecesse, em tais locais, uma convivência marcada pela tolerância.

As tensas relações estabelecidas em Maputo, salientam a necessidade de demarcar um “lugar de fala”, tendo em vista conjunturas tão díspares quanto complexas. De modo que a voz narrativa tem como foco a área urbana, nomeadamente o bairro nobre da Polana, o qual após a nacionalização dos prédios abrigou indivíduos provenientes do espaço rural “[...] onde deixaram as raízes e até o gosto de viver.” (MOMPLÉ, 2008, p. 10) e da região periurbana; trata-se de “[...] famílias inteiras oriundas dos subúrbios.” (MOMPLÉ, 2008, p. 9).

Em decorrência disso é possível observar, simultaneamente, o professor e a amante do major-general, personagens negras, com características psicológicas e sociais distintas: ele desprezioso “[...] rosto grave e melancólico não obstante a extrema juventude de seus traços.” (MOMPLÉ, 2008, p. 11); ela arrogante, pois em “[...] toda a sua vida, nutriu uma instintiva repulsa por gente pobre, incluindo a própria família.” (MOMPLÉ, 2008, p. 12). Assim, é como oprimido que age o homem e como opressora que se porta a mulher.

Se o bairro fora acolhedor às diversas territorialidades, os habitantes se comportam com hostilidade, pois os portugueses inconformados com a descolonização “[...] recordam com saudade o tempo em que nenhum negro se atrevia sequer a passear [naquela] rua.” (MOMPLÉ, 2008, p. 9). Enquanto os ricos cooperantes europeus e americanos “[...] resguardam-se atrás dos muros gradeados, protegidos por cães ferozes e por guardas que mantêm de plantão, dia e noite.” (MOMPLÉ, 2008, p. 9).

É a partir desse centro de tensão que se propõe uma análise da subjetividade que emerge por meio do contato com espaços públicos, onde “[...] um tédio morno, latente durante os dias da semana [...] nas tardes de domingos se torna quase palpável.” (MOMPLÉ, 2008, p. 9); e privados, visto que “[...] Até mesmo a poeira parece circular na sala agitada, ansiosa por se libertar de tamanha ostentação.” (MOMPLÉ, 2008, p. 7).

4 | ESPAÇO E PERSONAGENS: EM FOCO A SUBJETIVIDADE

Concebendo o espaço geográfico a partir do rompimento de fronteiras, trânsitos e contatos entre as culturas, Glissant (2005, p. 22) defende a adoção do termo “crioulização” argumentando em favor da sua imprevisibilidade, “[...] ao passo que poderíamos calcular os

efeitos da mestiçagem.”, pois os africanos “deportados”, não podendo manter as heranças culturais, recriaram-nas a partir, unicamente, dos poderes da memória” (GLISSANT, p. 20).

Acrescente-se à tese apresentada a constatação de que o sistema colonial, em Moçambique, “[...] foi construído a partir de uma linha de cor que deplorava qualquer forma de mestiçagem.” (TOMAZ, 2005-2006, p. 258-259). De forma que mistos e assimilados, mesmo sendo considerados “cidadãos portugueses” legalmente, sofriam constantes humilhações e não podiam ascender socialmente pelos próprios méritos:

Se, pela *assimilação*, o *indígena* ganhava o estatuto jurídico de cidadão, no plano social ele permanecia sempre um membro subalternizado, nunca visto pelos colonos como “um de *nós*” e sempre como “o mais civilizado *deles*”, o outro a quem, em vez do estigma da *caderneta* era imposto o estigma “privilegiado” do *alvará de assimilado*. O ritual de passagem traduzia-se num duplo rito de separação: afastava o *assimilado* do *indígena* e consagrava-o objectivamente como “casta inferior” no mundo dos “cidadãos”, mas subjetivamente como a “casta superior” no mundo dos autóctones. (CABAÇO, 2009, p. 118-119 - grifo do autor)

O fragmento enfatiza a conveniência de unir-se a um homem de patente, a exemplo da amante do major-general. Embora os privilégios sejam restritos ao “ter”, uma vez que não dispõe de prestígio para “ser”, efetivamente, inserida na sociedade, a mulher expressa aceitação por “viver” confortavelmente, diferente dos compatriotas que apenas “sobrevivem”. Na obra **Os condenados da terra**, à medida que reflete sobre a violência, Fanon descreve minuciosamente as cidades associando-as às subjetividades dos indivíduos que as habitam. Trata-se da observação do ambiente físico como fundamento para análise do psicológico.

Através da proposição, aparentemente óbvia, de que “[...] a descolonização é sempre um fenômeno violento” (FANON, 1968, p. 25) evidenciamos um foco de observação sobre os sujeitos que denominamos gentílicos, tendo vista a reflexão acerca dos indivíduos a partir da constituição de sua nação. O que significa, ficcionalmente, a incidência da análise sobre personagens e espaço. No que se refere ao conto *Stress*, especificamente, voltamos a atenção para a amante do major-general e o professor.

Descrito como “[...] um quarentão pequeno e nervoso que conserva ainda resquícios do aprumo dos seus tempos de guerrilheiro da FRELIMO.” (MOMPLÉ, 2008, p. 13), o major-general faz parte do grupo de oprimidos que, ascendendo ao poder, tornaram-se opressores, ou seja, da “burguesia nacional”, a qual por “[...] estar crispada em seus interesses imediatos [...] revela-se incapaz de edificar a nação em bases sólidas e fecundas.” (FANON, 1968, p. 132). Por isso, os ideais pelos quais o major-general lutou diluíram-se, “[...] dando lugar a uma ânsia desenfreada de usufruir tudo o que na vida lhe dá prazer.” (MOMPLÉ, 2008, p. 13).

Similarmente se comporta a sua amante. Refém de uma vida luxuosa, a mulher aceita a solidão e os raros momentos de atenção devotados pelo major-general. Talvez

por esse motivo a paixão devastadora que sente pelo professor instalou-se em seu ser. “A amante do major-general é a primeira a reconhecer a insensatez desse desejo por um homem praticamente desconhecido.” (MOMPLÉ, 2008, p. 12).

Os espaços do “flat”, onde habita, são descritos pela voz narrativa de forma a evidenciar “*status*” e abandono. A varanda é o ambiente de exposição no qual a mulher se oferece “[...] qual troféu desejável e inacessível, à contemplação dos transeuntes e vizinhos”. (MOMPLÉ, 2008, p. 9), todavia, é ignorada pelo professor, motivo pelo qual nutre ódio e desejo de vingança. Com relação ao ambiente da sala, é lúcido mencionar as reflexões de Guattari (2012, p. 136) ao defender que as relações estabelecidas entre os corpos e os espaços estão associadas a situações de afetamento, pois “[...] uma paisagem ou um quadro podem ao mesmo tempo adquirir uma consistência estrutural de caráter estético e me interrogar, me encarar fixamente de um ponto de vista ético e afetivo.”

Não se pode afirmar que as questões éticas são responsáveis pelo que revela a voz narrativa, mas as sensações expressas são significativas, uma vez que indicam o afetamento exercido, por um dos cômodos, sobre determinados seres ficcionais:

A sala é, na verdade, um lugar que suscita, nos visitantes de espírito mais sensível, uma melancolia insidiosa e funda que, por vezes, no meio de uma conversa, os leva a despedir-se, acossados de pressa, como se, de súbito, lhes falte o ar, naquele ambiente, onde o luxo, aliado a um notório mal gosto, produz um efeito de extrema opressão. E os próprios visitantes se espantam com a urgência que os move a demandar a rua, pois ignoram que a melancolia acumulada assim, inconscientemente, chega a ser mais insuportável que a própria dor. (MOMPLÉ, 2008, p. 7)

Observe-se que apenas os “espíritos mais sensíveis” são afetados pelo ambiente, pois a amante do major-general tinha preferência por esse local que reafirmava o seu poder. Tais sensações opostas tornam oportunas, uma vez mais, as considerações de Guattari acerca dos espaços, considerados “componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas e devires.” (GUATTARI, 2012, p.144).

Enquanto alguns visitantes se sentem hostilizados, a mulher revela satisfação como forma de recompensar o desprezo do professor, por quem se apaixonara. Esse contexto ocasiona o emergir de uma “subjetividade vingativa”. Impossibilitada de reter a total atenção e paixão do vizinho pobre se sobressai o “devir” delatora. Ao tomar conhecimento que o professor, acometido por um alto nível de “*stress*”, assassinara a esposa, a amante do major-general:

[...] apresentar-se-á como testemunha de acusação aproveitando-se da privilegiada situação de vizinha do réu. E nessa hora de vingança, incriminará o professor com afirmações temerárias e falsas. E a certa altura dirá mesmo peremptória: o réu cometeu o crime premeditadamente. Ele não gosta de mulheres, eu acho! (MOMPLÉ, 2008, p. 12)

A voz narrativa antecipa o trágico desfecho, pois relata os fatos à medida que sonda os pensamentos das personagens, já que é onisciente. A capacidade de conhecer o íntimo dos “seres ficcionais” permite revelar a surpresa do professor ao ser acusado pela amante do major-general “ ‘porque me odeia tanto esta mulher que mal conheço?’ ” (MOMPLÉ, 2008, p. 12). A supracitada indagação permanecerá sem resposta. Com essa dúvida o protagonista fita a mulher e percebe o “Rancor que dará lugar a um brilho de triunfo quando [...] for lida a sentença de quinze anos de prisão.” (MOMPLÉ, 2008, p. 12-13). O enclausuramento interior, motivado por uma vida de privação e sofrimento, culmina com a reclusão, efetiva, de uma sociedade na qual o homem nunca esteve, verdadeiramente, inserido.

Na outra extremidade desse “triângulo amoroso platônico” que termina em morte, vingança e prisão, encontra-se a esposa do professor, a qual experiencia a miséria, como a maioria dos conterrâneos; diferente da “pretendente a amante” que usufrui de conforto e outras regalias proporcionadas pelo major-general. Entretanto, ambas são, igualmente, vítimas de *stress*.

Foram as privações materiais as responsáveis pelo surto que acometeu a companheira do educador naquela tarde de domingo quando reclamou “[...] os livros e a roupa para as crianças e até a roupa para si própria [...] o que, aliás, é compreensível, dado que [possuía] apenas dois vestidos desbotados. (MOMPLÉ, 2008, p. 17). Se a impossibilidade de sobreviver dignamente ocasionou desespero na esposa, fora a indiferença do professor, com relação aos sentimentos da vizinha, a responsável pelo falso testemunho no tribunal.

Assim, o *stress*, nas personagens femininas, é determinado por situações de ordem financeira e emocional; desprezada, a amante do major-general será a única testemunha de acusação. “[...] Nem mesmo os familiares da esposa do réu se prestarão a depor contra ele, porque apesar de campônios analfabetos, carregam em si uma sabedoria antiga que lhes permite distinguir um criminoso de um homem acuado pelo desespero.” (MOMPLÉ, 2008, p. 12)

A análise psicológica do professor permite destacar que em Moçambique a realidade dos negros também era de infortúnio, posto que o reconhecimento da nacionalidade, “negada” aos mestiços, não garantia condições materiais para viver com dignidade. Assim, permaneciam subalternizados pelas elites locais, pois “[...] Em seu narcisismo voluntarista, a burguesia nacional [convenceu-se] facilmente de que podia vantajosamente ocupar o lugar da burguesia metropolitana.” (FANON, 1968, p.124)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O microespaço da varanda, onde ocorrera o assassinato, era o refúgio do professor, personagem cujo único lazer era ouvir a narração futebolística, nas tardes de domingo, enquanto bebia vagarosamente duas cervejas, a fim de que a bebida fosse suficiente para

todo o período da partida. Esses constituíam-se raros momentos de paz e descanso, haja vista uma vida marcada pela pobreza, apesar do excesso de trabalho. Por isso, a invasão da esposa ao “espaço sagrado da varanda” (MOMPLÉ, 2008, p. 17) foi seguida de súplicas para que ela não o interpelasse, ao que a mulher, outrora compreensiva, relutou.

A afronta foi seguida de uma atitude inesperada por algoz e vítima: “[...] o professor levanta-se da cadeira e dirigindo-se à mulher que o fita perplexa, com ambas as mãos, apodera-se-lhe da garganta que vai apertando, apertando, até que ela deixa de estrebuchar e, escorregando, acaba por cair, inerte, no chão.” (MOMPLÉ, 2008, p. 18). As cobranças da esposa resultam em um surto e o excesso de “*stress*” torna o pacato professor um assassino. Questionado acerca da motivação do crime, já na esquadra policial, onde fora se entregar, o homem responde: “[...] Não sei... talvez porque eu próprio já não consigo viver [...]” (MOMPLÉ, 2008, p. 18)

Protagonizado por personagens de classes sociais opostas, o conto *Stress* é marcado pela sobreposição da descrição psicológica à caracterização física. Para tanto, o espaço interior, subjetivo, é justificado pela apresentação do ambiente de ostentação, no caso da mulher, e hostil, no que se refere ao homem. Embora vizinhos, a amante do major general, patrocinada por este, dispõe de uma vida luxuosa, enquanto “[...] a vida do professor não é propriamente vida, mas uma contínua luta para ‘desenrascar’ o sustento da família, com um mínimo de dignidade.” (MOMPLÉ, 2008, p. 17)

O macroespaço é o bairro da Polana, situado em Maputo, o qual é habitado, majoritariamente, por portugueses que permaneceram no país após a descolonização. Estes dividem o espaço com cooperantes europeus e americanos, bem como com os moçambicanos, pelos quais nutrem ressentimento e desprezo. Trata-se de famílias suburbanas. A nacionalização dos prédios proporcionou o êxodo para a área com a ilusão de que poderiam levar uma vida semelhante aos abastados. No entanto, residir em construções de “pedra” em nada alterou a realidade vivenciada no período colonial. “A cidade do colonizado é uma cidade faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz.” (FANON, 1968, p. 29)

A arquitetura do bairro também afetava os moradores. A voz narrativa reflete sobre o tédio existente nesse lugar, talvez encoberto pelas construções descritas como dotadas de “[...] uma beleza fácil e cansativa, concebidas, ainda no tempo colonial, por empreiteiros portugueses, com muito dinheiro e duvidoso gosto, os quais imprimiram, nas suas obras, a marca da própria vulgaridade.” (MOMPLÉ, 2008, p. 9). De forma que, no contexto do conto *Stress*, corpos e espaços interagem por meio de campos de virtualidade “[...] cuja complexidade beira o caos.” (GUATTARI, 2012, p. 141).

REFERÊNCIAS

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: UNESP, 2009.

CASANOVA, Pascale. **A república Mundial das Letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Trad. Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

MOMPLÉ, Lília. *Entrevista*. In: **Literatas** – Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona, ago. 2012. Disponível em: <http://macua.blogs.com/files/especial-lilia-momple.pdf> Acesso em: 18 out. 2018.

MOMPLÉ, Lília. **Os olhos da cobra verde**. Maputo: AEMO, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SILVA, Denilson Lopes. Afectos pictóricos ou em direção a *Transeunte*, de Eryk Roca. In: **FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. n. 2, 2013, p. 255-274.

TOMAZ, Omar Ribeiro. “*Raça*”, *nação e status*: histórias de guerra e “relações raciais” em Moçambique. **Revista USP**. São Paulo, n. 68, p. 252-268, dez/fev. 2005-2006. Disponível em: <<http://www.revista.usp.br/revusp/article/viewFile/13496/15314>> Acesso em: 20 ago. 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

L

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

M

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

N

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

O

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

P

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

R

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

S

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

T

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade

**Atena**
Editora

Ano 2021



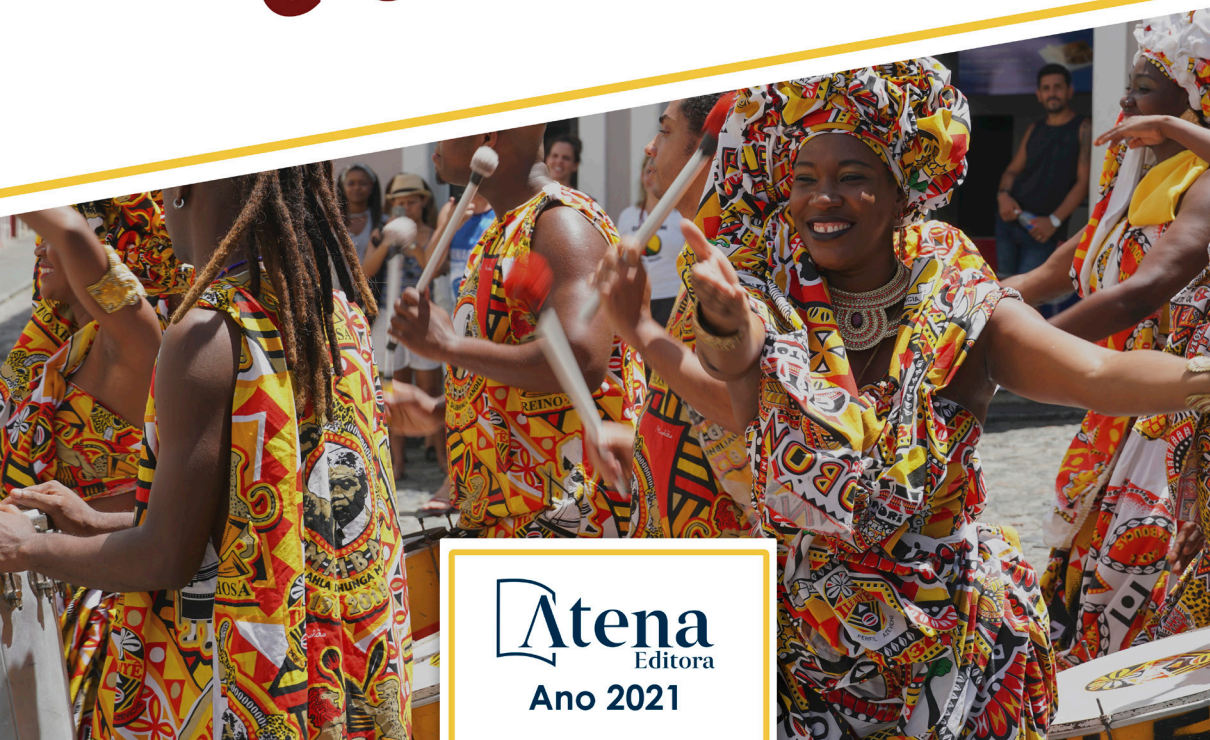
www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade




Atena
Editora
Ano 2021